

Biblioteca de Ciências Herméticas e Psicologia Experimental - Registrado na Biblioteca Nacional sob número 3485 - Editora Professor Francisco Valdomiro Lorenz (Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento) São Paulo/SP.

Curso de Ciências Herméticas Volume I - Educação Pessoal.

Esta é uma coleção que ficou um bom tempo nas prateleiras de nosso acervo, aguardando sua publicação. Você tem nas mãos um volume criado originalmente pelo Instituto de Ciências Herméticas nos idos de 1889 e que com dedicação nos empenhamos para revisá-lo, atualizá-lo e redesenhá-lo para atender ao aluno dos dias de hoje que deseja um roteiro para iniciar-se no desenvolvimento de suas faculdades psíquicas e no seu aperfeiçoamento humano.

Algo do sabor dos originais antigos foi preservado aqui, na forma de ilustrações recuperadas, onde adequado, com os pontos de vista da época, combinadas com a correção e o refinamento de traços e linguagem para os padrões atuais de estética e compreensão...

R. Rajabally

História Geral do Hermetismo

A colossal civilização egípcia tinha chegado, no 26º século antes da era cristã, ao seu apogeu, e começava a declinar, minada pelas contínuas lutas contra os Hyksos ou Reis Pastores. Estes povos tinham partido da Índia 3.200 anos antes de Cristo e, espalhando-se pelo Ocidente, formaram os grandes impérios da Babilônia e da Assíria, e estabeleceram numerosas colônias na Grécia, onde eram chamados Ionis ou Ionijas. Mais tarde, foram os fundadores da guerreira Cartago (na África). O governo teocrático dos Faraós fizera a prosperidade até a época de que estamos falando (2.600 anos antes de Cristo).

A Ciência e a Filosofia tinham prosperado admiravelmente nesse país, e os conhecimentos recebidos dos Atlantes tinham sido conversados com o maior carinho.

Todavia, desde a 13ª dinastia, o Egito estava em intensa luta contra uma horda de asiáticos ignóbeis, como os chama Manethon, e aos quais deram o apelido injurioso de Hyksos, isto é, Reis Pastores.

Essa luta durou até quase 2.200 anos antes de Cristo, quando os asiáticos se apoderaram do Egito, onde, após uma grande carnificina, inauguraram, com o reinado de Xalif¹, a 15ª dinastia.

Prevendo que seriam vencidos, os sábios sacerdotes egípcios, entre 2.600 e 2.500 anos antes de Cristo, criaram os Grandes Mistérios, a fim de conservar com maior pureza possível a tradição dos Atlantes que, aliás, já estavam perdendo, devido à grande e renhida luta que sustentavam contra os invasores.

É nessa ocasião que se revelou entre eles um adepto de gênio sublime: Hermes, denominado o Três vezes grande e o Mensageiro dos deuses.

Hermes adaptou às necessidades do seu tempo os mistérios do antigo simbolismo atlante e deu uma nova expressão aos símbolos então esquecidos. A revelação de Hermes teve tão profunda influência que, desde então, a Universidade do Egito tomou o seu nome.

Com efeito, as tradições recebidas, pelo Egito, dos Vermelhos (Atlantes) e dos Negros, já se iam tornando obscuras aos próprios iniciados, e necessitavam de uma nova adaptação, ao mesmo tempo que era necessário salvaguardar da profanação os Mistérios, pela criação de um Simbolismo Novo.

Foi o que Hermes realizou do modo mais admirável. Sua influência foi tão grande que se prolongou muito no futuro, e ainda hoje os axiomas herméticos são citados pelos cientistas como sendo a expressão perfeita das leis que regem não só a matéria, mas também todo o Universo.

Nada conhecemos da vida particular de Hermes, porque os seus discípulos tiveram mais em vista a propagação da sua Doutrina do que a dos feitos da vida do Mestre.

A Filosofia Hermética foi, mais tarde, transmitida aos Hebreus por Moisés, aos Gregos por Orfeu, Pitágoras, Sócrates e Platão, e por intermédio da civilização grega veio aos povos do Oriente.

¹ Os autores estrangeiros escrevem Shalif; nós, porém, adotamos a forma Xalif, que não só está mais de acordo com o gênio da nossa língua, como também mais se aproxima do original egípcio.

Entre as Obras de Hermes, temos a famosa *Tábua de Esmeralda*, que é a base de toda a Ciência Oculta. São dele, ainda, o *Poimandrés*, o *Asclepsios* e a *Minerva do Mundo* (Pequena Obra do Mundo).

A Ciência egípcia, restaurada por Hermes, foi a origem dos nossos conhecimentos modernos.

Graças à reforma de Hermes, o Santuário do Egito conservou-se durante muito tempo ainda, e sua decadência foi mais lenta.

Vamos seguir, agora, a história da transmissão dos Conhecimentos Herméticos até nós por intermédio dos Iniciados Hebreus e dos Hierofantes Gregos.

Em 1570 antes de Cristo, aproximadamente, Moisés, o Iniciador e criador do povo Hebreu, e Orfeu, o revelador do gênio grego, estudavam conjuntamente a Ciência Sagrada na Universidade do Egito, conquistando os mais elevados graus que o Sacerdócio egípcio conferia.

Relataremos primeiramente a história da corrente cabalística, criada por Moisés, até o nascimento do Cristianismo, e depois trataremos da corrente Helênica.

A Corrente Cabalística

Moisés

Educado na corte do Faraó e tendo sido iniciado nos mistérios sagrados, Moisés passou logo para a Etiópia por causa de um assassinato que cometera em defesa de um hebreu.

Foi lá que conheceu a tradição primitiva dos Atlantes sobre a Unidade Divina, a qual lhe foi revelada pelo Hierofante árabe Jethro, com cuja filha, Siphorah, se casou.

Encontrou também lá uma parte dessas povoações árabes que os Pastores Fenícios tinham expulsado do Yemen.

Completando sua iniciação com o Hierofante Jethro, Moisés escreveu os seus cinco livros que são monumentos das mais alta sabedoria.

Reuniu também os Árabes dispersos, os quais, com outros que se achavam no Egito, onde eram muito infelizes, revoltaram-se contra os Reis

Pastores, e guiados por Moisés, proclamaram sua independência, vindo a formar o povo Hebreu².

Moisés estabeleceu o governo do seu povo pela antiga forma Sinárquica: o Ministro Supremo, que mais tarde passou a ser, rei, o Conselho de Deus, que era formado pela Tribo Sacerdotal de Levi, e o Conselho dos Deuses, donde saíram mais tarde os Nobis³ e Profetas, que eram encarregados da transmissão oral da tradição secreta.

É daí que se originou a Cabala ou Tradição Secreta dos Hebreus.

“Contudo, o Eopta-legislador eclipsou, durante toda a sua vida, os membros dos conselhos criados por ele. Taumaturgo imenso -- tal que até a vinda do Cristo, Israel não viu levantar-se outro igual --, Moisés assinalou sua carreira por uma multidão de prodígios, que provam seu império absoluto sobre as forças fluídicas e misteriosas. O próprio rei dos magos, Salomão, não realizou obras comparáveis às suas. Mas é nos livros mosaicos (Gênese, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio) que vemos o mais deslumbrante, o mais imortal dos seus milagres.”⁴

O sucessor direto de Moisés foi Josué, a quem foi dado o encargo de concluir a sua missão.

Depois deste, chegamos ao rei dos magos, Salomão, o qual nos deixou diversos livros de magia prática, conhecidos sob o nome de *Clavículas*. Reinou de 1015 a 975 antes de Cristo e foi célebre pela sua sabedoria e pela construção do templo de Jerusalém.

Passaremos por alto os outros iniciados de menor valor até 600 anos antes de Cristo, em que encontramos Daniel e Ezequiel como os mais dignos continuadores de Moisés.

Entre o povo de Israel, como entre os outros povos, o primitivo sentido esotérico das alegorias se ía, pouco a pouco, perdendo, e só alguns Iniciados laicos, conhecidos sob nome de Essênios, conservaram ainda a Tradição até a época da vida de Jesus e daí por diante.

² Fabre d'Olivet demonstrou que os nomes dos Árabes e dos Hebreus só diferem pelo nosso modo de escrever e são apenas o mesmo epíteto modificado por dois dialetos diferentes. O nome hebraico עברִי (habril), Hebreu; o árabe é عَرَبِي (harbil), Árabe. Ambos derivam-se do nome do patriarca Heber, עֵבֶר (habar).

³ Nabi – vidente.

⁴ Stanislas de Guaita, Au Seuil du Mistère.

Ⓢ Helenismo

Orfeu

O Iniciador dos povos helênicos foi Orfeu, que, ao som da sua lira mágica, reuniu e congregou num só povo as milhares de povoações que viviam como selvagens na Grécia.

“Foi ele o criador desta magnífica mitologia grega que, apesar dos temíveis esforços de uma seita intolerante e fantástica, ainda brilha através dos ridículos farrapos com que a envolveram, anima todas as nossas artes e reina em nossa poesia.”⁵

Nas tradições da antiga Grécia, Orfeu nos aparece como um dos heróis que foram à conquista do Velo de Ouro, isto é, da Iniciação.

“A fábula do Velo de Ouro prende a Magia Hermética às iniciações da Grécia. O carneiro solar, do qual é necessário tomar o Velo de Ouro para ser soberano do mundo, é a figura da Grande Obra. A Nau dos Argonautas, construída com as tábuas dos carvalhos proféticos de Adona, a Nau falante, é a Barca dos Mistérios de Ísis, a Arca das sementes e da renovação, o cofre de Osíris, o Ovo da regeneração divina.”⁶

É a Orfeu que devemos atribuir a revelação do gênio grego na beleza da forma.

É dele que Pitágoras e, mais tarde, os Iluminados de Alexandria, tiraram seus Mistérios.

As precedentes citações, um pouco extensas, têm por fim mostrar a importância que tiveram na Grécia os ensinamentos de Orfeu; continuemos agora nosso resumo histórico.

Quase nove séculos depois de Orfeu, o povo já tinha esquecido os seus ensinamentos, quando apareceu Pitágoras.

Encontrou quase apagada a memória do filósofo e poeta, e suas mais belas instruções perdidas ou atribuídas a origens fantásticas.

⁵ Fabre d'Olivet, La Musique.

⁶ Eliphas Levi, História da Magia.

O miserável orgulho de se dizerem autóctones os Gregos, e de nada deverem às nações vizinhas, tinha invertido todas as idéias, materializando-se completamente o simbolismo.

“É assim que colocavam em Creta o túmulo de Zeus, o Deus vivo; queriam, à força, que tivesse nascido, numa vila da Beócia, Dionísios, o espírito divino, e numa ilhota do Arquipélago, Apolo, o pai universal.”⁷

Os mistérios, conhecidos para fazer conhecer a verdade a um grande número de iniciados, perdiam cada vez mais sua influência; os hierofantes, intimidados ou corrompidos, calavam-se e consagravam a mentira. É então que, depois de completar sua iniciação no estrangeiro, Pitágoras veio para a Grécia, onde fundou sua escola. A doutrina de Pitágoras é irmã da de Orfeu, tendo ambas saído dos mesmos santuários. Se este nos deu a música inspirada e as harmonias divinas, aqueles nos ensinou as matemáticas sublimes com que devemos medir suas numerosas vibrações e analisar seus celestes acordes.

No Egito, Pitágoras estudou a ciência já decadente, tendo obtido sua admissão à iniciação egípcia por meio de uma recomendação do Rei Amasis; recebeu, na Judéia, dos profetas Ezequiel e Daniel, os segredos da Cabala, mas com certa reserva.

O seu gênio foi, pois, forçado a preencher as lacunas deixadas pelas revelações dos hierofantes.

“Pitágoras fez pela ciência o que Licurgo tinha feito pela liberdade. Este, como legislador, tinha instituído, num ponto da Grécia, um convento de soldados contra o qual veio romper-se o despotismo persa; aquele, como filósofo, instituiu uma assembleia secreta de homens sábios e religiosos que, espalhando-se na Europa, na Ásia e até na África, aí lutou contra a ignorância e a impiedade que tendiam a tornar-se universais. Foram imensos os serviços que fizeram à humanidade.

A Escola que criou, ainda hoje não está inteiramente extinta, e depois de ter atravessado, como um traço luminoso, as trevas amontoadas sobre nós pelos bárbaros, e a ereção necessária de um culto intolerante e supersticioso,

⁷ Fabre d'Olivet, La Musique.

tornou mil vezes mais fácil a restauração das ciências do que teria sido sem ela, e nos economizou vários séculos de trabalho.”⁸

Ao lado da corrente cabalística pura, vinda do Egito por Moisés, encontramos na Europa uma corrente de iniciação pitagórica.

Dizem que Pitágoras pretendia lembrar-se de suas existências passadas. Ele sabia perfeitamente que a Terra girava ao redor do Sol.

O escritor cristão Lactancio⁹ riu-se muito dos pitagóricos de seu tempo, que afirmavam a rotação da Terra e a existência dos antípodas.

A filosofia de Platão é a mesma doutrina hermética do Egito e da Judéia.

A seguinte citação de Platão, que nos dá Dacier no seu livro *A Doutrina de Platão*, nos mostra bem a sua relação com a Cabala:

“Todas as coisas estão em redor do seu rei, existem por causa dele, e unicamente ele é a causa das coisas boas; segundo para as segundas e terceiro para as terceiras.”

“Há nestas poucas palavras – diz Eliphaz Levi – um resumo completo da Teologia das Sephiroth. O rei é Ensoph¹⁰, o ente supremo e absoluto. Tudo irradia deste centro que está em toda parte, mas é concebido por nós principalmente de três modos e em três esferas diferentes.”

É o esoterismo de Platão que será desenvolvido mais tarde pelos Teurgos de Alexandria, vindo a confundir-se, entre os Gnósticos, com o Cristianismo Oculto, imediatamente derivado da Doutrina Essênica.

As obras de S. Clemente de Alexandria, de Orígenes, de S. Diniz Areopagita e do Bispo Sinésio dão testemunho indubitável desta troca dogmática.

No seu belo romance iniciático *Zanoni*, Bulwer Lytton nos diz que a Fraternidade Rosa+Cruz possui os mais belos manuscritos de Platão, os quais nunca foram publicados e constituem um dos mais secretos ensinamentos da Ordem.

À chegada do cristianismo, tudo estava preparado para uma nova revelação, pois a ciência estava quase completamente perdida no Ocidente, e só alguns Centros Pitagóricos e os Essênios conservaram a Tradição.

⁸ Fabre d'Olivet, La Musique.

⁹ Falecido em 325.

¹⁰ Ensoph – O Infinito, Eterno, Absoluto.

O Cristianismo é consequência da doutrina dos Iniciados Essênios, únicos que então conservaram a Tradição de Moisés na sua pureza.

Tratando de assuntos científicos e não querendo nos imiscuir nas coisas da fé, deixamos de lado qualquer referência aos Evangelhos e à doutrina de Cristo.

Alguns cem anos apenas eram passados desde a morte de Cristo. Seu ensino progredia cada vez mais, quando os Gentios, confusos pelo progresso da fé Cristã, procuram opor Messias contra Messias e levantar altar contra altar. A caducidade dos velhos cultos exigia imperiosamente uma nova revelação. Em vão o taumaturgo Simão, o Mago, lutara para a deificação de Helena, sua concubina, e da própria pessoa; um único homem parecia em condições de ser posto como rival de Jesus de Nazaré ... Iniciado nos Mistérios de todos os Templos do mundo, Apolônio de Tiana (morto em 79 depois de Cristo) tinha semeado de prodígios os lugares por onde passara, e foi baseado nas memórias de Damis Assyrio, um dos seus discípulos, que Filóstrato, em 193, escreveu em grego o evangelho do mago.

O povo, porém, necessitava de uma coisa mais nova e menos simbólica, e o cristianismo venceu.

Montano, Manes, Valentino, Marcos, Ário são outros tantos Iniciados que tentaram divergir dos ensinamentos então em voga no Cristianismo. Contudo, Valentino merece especial menção pela sua Obra *Pistis-Sophia*, na qual afirma a divindade de Cristo e explica os Mistérios da sua Encarnação.

À parte a Escola de Alexandria, que contava em seu seio: Ammonio Saccas, Plotino, Porfírio, Proclo, a bela Hipatia¹¹ e o Bispo Sinésio, discípulo desta última, o único que merece o título de Adepto é Apuleio (114 a 190), o qual, como os precedentes, era platônico. Seu *Asno de Ouro* dissimula, sob engenhosas alegorias, as mais altas verdades da Ciência.

Sob os primeiros reis de França, aumentaram-se os Feiticeiros e Encantadores, a tal ponto que, em 772, Carlos Magno estabeleceu a Santa Vehma a fim de dar cabo deles. Por esse tempo, os verdadeiros Iniciados fundaram Associações Herméticas, entre as quais os Templários, e as

¹¹ Filha do matemático Theon, vilmente assassinada pelo povo, sublevado pelo fanático Bispo Teófilo de Alexandria, no século 5º da era Cristã.

Confrarias dos Rosa+Cruzes e dos Filósofos Desconhecidos e a Franco-Maçonaria Oculta, prolongamento mais ou menos direto da Ordem do Templo.

Assinalaremos, agora, os Iniciados mais célebres da Idade Média e dos tempos modernos.

Sob Pepino, o Breve (rei de 752 a 768), o cabalista Zedechias, a cujo poder fascinador os homens desta época atribuíam os fenômenos que os aterrorizaram.

No século de S. Luís, é o rabino Jechielé, eletricista notável e duplamente detestado pelos tolos por seu gênio e pelas boas graças de que era alvo por parte do rei da França.

O rei lendário dos magos, que dizem ter resolvido o problema do androide, é contemporâneo de Jechielé: é o famoso Alberto, o Grande (1193 a 1280).

O Espagirismo de Nicolau Flamel (1330 a 1417) provém, em linha reta, do judeu Abraão, embora participe do sistema de Lullo.

Penetramos na Magia propriamente dita, com o abade Trithem ou Trithemo (1462 a 1516), ilustre autor da Estenografia e do Tratado das Causas Segundas, que foi Mestre e Protetor do “Arquifeiticeiro” Cornélio Agripa (1486 a 1535), intrépido aventureiro que escandalizou seu tempo pelas suas afirmações ousadas, sem ter chegado à paz do Conhecimento Total.

Paracelso (1493 a 1541) pode ser contado entre estes oniscientes a quem pertence a chave de todos os arcanos. O exemplar original do seu Caminho Químico pertence à biblioteca do Vaticano. A maior parte das suas obras foi reunida num volume intitulado Opera Omnia Paracelsi, mas, apesar disso, existem dele outras obras que são conhecida só de nome.

Gênio universal como Paracelso, Henrique Khunrath (1560 a 1605) condensou a ciência sintética dos magos num pequeno in-folio soberbamente impresso: o seu Amphitheatrum Sapientice AEternoe (Anfiteatro da Sabedoria Eterna), ornado de atraentes gravuras cheias de verve.

Citaremos apenas, de passagem, o astrólogo Jerônimo Cardan (1501 a 1576), o douto monge Guilherme Postello (1510 a 1581), o sábio Osvold Crollio (15... a 1609), e diremos algumas palavras sobre o grande Iniciador Knorr de Rosenroth (1636 a 1689), ao qual devemos a Kabbala Denudata, o mais

inestimável de todos os compêndios das mais raras e sublimes obras da antiga Tradição.

Sendivogius (1566 a 1646) e Philalethes (1612 a 1680) passam por ter realizado a pedra filosofa.

Desde 1621, João Batista Van Helmont, discípulo de Paracelso, publicava seu tratado *De Magnetica Vulneratum Curatione* (Da Cura Magnética das Feridas).

Jacó Böehme (15775 a 1625) foi, nesta época, um dos mais sublimes mestres. Suas obras principais são: *Mysterium Magnum*, *Aurora*, *Da Eleição de Graça*, *Signatura Rerum*, *Três Princípios*, *Da Contemplação Divina*.

Em 1651 aparecia a edição francesa de *Enchiridion Physioe restituae*, do Presidente Espagnet, que faz um excelente resumo da filosofia sintética de Hermes.

Em 1661 veio à Luz a mais notável obra de astrologia que nos chegou do passado: a *Astrologia Gálica*, de J. B. Morino (1583 a 1656), doutor em medicina e professor de matemática no Colégio de França.

O grande Teósofo Saint-Martin (1743 a 1803), fundador do Martinismo, publicava, então, suas principais obras: *Des Erreurs et de la Vérité* (Dos Erros e da Verdade), *Tableau Naturel* (Tábua Natural), *L'Esprit des Choses* (O Espírito das Coisas), *Ministère de l'Homme-Esprit* (Ministério do Homem-Esprit). Entre os manuscritos publicados depois da sua morte, temos: *Les Nombres* e *L'Homme de Désir* (O Homem de Desejo).

Alguns anos antes da Revolução Francesa (1793), a Europa estava cheia de personagens misteriosos. O conde de S. Germano estava em voga em Paris. Mesmer, emigrado da Alemanha, adquiria grande renome e se enriquecia pelas suas curas magnéticas. Cagliostro criava sua Maçonaria Egípcia e lançava as bases da Revolução.

O mestre Stanislas de Guaita, apoiando-se nos documentos então conhecidos, foi injusto no seu juízo sobre Cagliostro. Ressalta um recente trabalho do Dr. Marc Haven: *Cagliostro, le Maître Inconnu* (Cagliostro, um Mestre Incomun), que Cagliostro era um verdadeiro adepto.

Levater (1741 a 1801), profeta de Zurique e restaurador da fisiognomia, se nos apresenta como um precursor de Allan Kardec.

Jacques Cazotte (1720 a 1792) pertence à história da magia mais pelas circunstâncias do seu processo do que pelas suas obras.

No começo do Império napoleônico (1805), aparece Delormel com o seu notável livro do Grande Período, que lhe valeu a morte violenta dos reveladores e perjuros.

Chegamos a Fabre d'Olivet (1767 a 1825), que, depois de ter recebido na Alemanha a Iniciação Pitagórica, se dedicou à filosofia, publicando: *Notions sur le Sens de l'Ouïe* (1811), comentários dos *Vers Dorés de Pythagore* (*Versos Áureos de Pitágoras*) (1813), e, enfim, em 1815, sua imortal obra-prima: *La Langue Hébraïque Restituée* (*A Língua Hebraica Restituída*), em que estuda o hebreu hieroglífico e nos dá a tradução correta do Gênese ou Cosmogonia de Moisés. Sua *Histoire Philosophique du Genre Humain* (*História Filosófica do Gênero Humano*), publicada em 1822, descreve a história da raça branca (a nossa) desde a sua origem. Deixou ainda os manuscritos de *La Musique Expliquée* e dos *Commentaires de la Cosmogonie de Moïse* (*Comentários da Cosmogonia de Moisés*). O primeiro foi publicado ultimamente, porém o segundo ainda se acha inédito.

Em 1821, R. C. Smith (Rafael I) criava, em Londres, o *Almanaque Profético*, que devia dar um grande impulso ao estudo da astrologia.

Seguindo o exemplo de Fabre d'Olivet, muitos investigadores voltaram suas vistas para o Ocultismo.

Entre eles, citaremos Hoené Wronski (1800 a 1853), o apóstolo do Messianismo e restaurador da Filosofia Absoluta; Lacuria, o genial metafísico das Harmonias do Ente; Ragon, o único investigador sério entre os filiados da Maçonaria daquele tempo.

Por esta época, um sábio médico, Luiz Lucas, tendo sido levado, pela experiência, a verificar as grandes leis formuladas pelos alquimistas, publicou, em 1854: *L'Acoustique Nouvelle* e *la Chimie Nouvelle*; em 1857: *Le Roman Alchimique*, e em 1862: *La Médecine Nouvelle*. Luiz Lucas foi inventor do melhor Stenometro até hoje conhecido, e o único exemplar deixado por ele deste aparelho era propriedade do saudoso Doutor Papus.

O maior adepto deste tempo foi Eliphas Levi¹² (1810 a 1875), que expôs, sua História da Magia, sua Chave dos Grandes Mistérios, seu Livro dos Sábios, suas Fábulas e Símbolos, seu Catecismo da Paz e seu Grande Arcano são tantas obras que devem fazer parte da Biblioteca dos Amadores das coisas do Oculto. Suas Clavículas de Salomão são destinadas à meditação dos aspirantes à sabedoria; sua Bíblia da Liberdade nos dá a chave das profecias e seu Feiticeiro de Meudon nos oferece numerosos exemplos como lição.

O marquês de Saint-Yves d'Alveydre (1842 a 1908) veio completar as partes da ciência que foram pouco desenvolvidas por Fabre d'Olivet e Eliphas Levi. Suas Missões, publicadas em 1884 e 1885, dão a chave de muitos mistérios da história e nos mostram as origens asiáticas da Tradição Oculta. Mas a obra que imortalizou Saint-Yves entre os adeptos é o seu Arqueômetro, que nos revela a chave de todos os ensinamentos Ocultos.

Desde 1862, Desbarolles restaurava a Quiromancia; em 1871, ele publicava suas Révélations Complètes (Revelações Completas) sobre os mistérios da mão, e em 1874, publicava, em colaboração com o abade Michon, Les Mistères de l'Écriture (Os Mistérios da Escritura).

Desde 1882, o coronel de Rochas (1837 a 1916), da Escola Politécnica de Paris, levava a experimentação científica até o domínio da antiga Magia.

Em 1877, a fundadora da Sociedade Teosófica, H. P. Blavatsky, publicava, em inglês, sua Ísis Desvendada e, em 1890, sua volumosa Doutrina Secreta. Estas obras vieram criar grandes movimentos, sobretudo na Inglaterra e nos Estados Unidos, fazendo a prosperidade da Sociedade Teosófica.

Enquanto as doutrinas neobudistas prosperavam e se espalhavam por toda parte, novos cabalistas surgiam, cada qual mais eminente na sua esfera de ação.

Em 1886, Stanislas de Guaita (1861 a 1898), discípulo direto de Eliphas Levi, publicava seu apreciado volume Au Seuil du Mystère; em 1891, um grande volume: Le Temple de Satan (O Templo de Satan); em 1895 outro igual: La Clef de la Magie Noire. Estes três volumes constituem os seus magníficos Ensaios de Ciências Malditas. Guaita foi o restaurador da Rosa-Cruz Cabalística.

¹² O verdadeiro nome deste sábio Cabalista francês era Afonso Luiz Constant.

Em 1890, um químico e médico do mais alto mérito, Albert Poisson, deu grande impulso ao estudo da Alquimia pela publicação de várias obras notáveis: Cinq Traités d'Alchimie, Théories et Symboles des Alchimistes, Histoire de l'Alchimie au Moyen-âge: Nicolas Flamel.

Pouco satisfeito do materialismo, o Dr. Gerard Encausse (1865 a 1916) inicia-se no Ocultismo, e desde 1887, sob o pseudônimo de Papus, torna-se um dos seus mais ardentes propagandistas e reputados adeptos.

A maior parte das suas obras são indispensáveis para o estudante de Ocultismo. As principais são: Sepher Ietzirah, Traité Elementaire de Science Occulte (Tratado Elementar da Ciência Oculta), Magie Pratique (Magia Prática), Le Tarot des Bohémiens (O Tarô dos Bohêmios), Traité Méthodique de Science Occulte (Tratado Metódico da Ciência Oculta), La Réincarnation (A Reencarnação), Chiromancie Astrologique (Quiromancia Astrológica).

A causa do Ocultismo perdeu com a morte de Papus, vítima do seu devotamento à pátria, um dos mais vigorosos baluartes.

Após um trabalho de vinte anos de investigações, F. Ch. Barlet publicava, em 1893, seus primeiros volumes: O Ocultismo, Ensaio sobre a Evolução da Idéia, Química Sintética. Barlet é considerado o mais sábio dos Ocultistas contemporâneos.

Devemos a Ernest Bosc (nascido em 1837) uma série de estudos assaz bem-feitos sobre interessantes problemas do Oculto. São de sua lavra: Isis Dévoilée (Ísis Desvelada) ou L'Inde Antique, Belisama ou L'Ocultisme Celtique (O Ocultismo Celta), Le Livre des Réspirations (O Livro das Respirações), Vie Ésoterique de Jésus Nazareth (Via Esotérica de Jesus de Nazaré) e numerosas brochuras do mais alto interesse.

Depois desta época, a astrologia progrediu com a publicação das obras de Julevno, Abel Haatan, Fomalhaut e Selva, em França; de Raphael e Allan Leo, na Inglaterra; e de diversos autores nos Estados Unidos e na Alemanha.

O magnetismo deve ao saudoso H. Durville, desde 1884, os seus maiores progressos.

No Brasil, com a criação da Revista O Pensamento, em 1907, a ciência hermética tornou desenvolvimento, e podemos citar nomes cuja pena nos tem dado excelentes obras.

Além destas obras nacionais, seria ocioso citar as numerosas edições de obras estrangeiras que têm sido traduzidas e publicadas pela Editora Pensamento.

Tal é o resumo, assaz imperfeito, da História das Ciências Herméticas, desde a criação do Hermetismo, no Egito, até nossos dias.

A síntese hermética abrangia todos os conhecimentos humanos, desde os mais simples estudos do mundo físico até as mais sublimes especulações metafísicas.

A maioria dos ocultistas contemporâneos tem se especializado num só ramo, esquecendo que a Ciência de Hermes é essencialmente sintética; contudo esperamos que, com o novo impulso dado às Ciências Herméticas, o estudo sintético progredirá.